



UFES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
PROGRAMA DE LICENCIATURAS INDÍGENAS – PROLIND
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA TUPINIKIM E GUARANI**

JANAÍNA PEREIRA DA ROSA

**A LÍNGUA TUPI NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO
CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL INDÍGENA CAIEIRAS VELHA**

ALDEIA PAU BRASIL- ARACRUZ/ES

2022

JANAÍNA PEREIRA DA ROSA

**A LÍNGUA TUPI NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO
CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL INDÍGENA CAIEIRAS VELHA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Espírito Santo como requisito de conclusão
do curso de Licenciatura Intercultural
Indígena.

Professor orientador: Me. Jocelino Queizza

Professor co-orientador: Dr. Paulo de
Tássio Borges da Silva.

ALDEIA PAU BRASIL – ARACRUZ/ES

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
PROGRAMA DE LICENCIATURAS INDÍGENAS – PROLIND
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA TUPINIKIM E GUARANI

A LÍNGUA TUPI NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO
CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL INDÍGENA CAIEIRAS VELHA

Autora: Janaína Pereira da Rosa

Banca avaliadora:

Prof. Me. Jocelino Quiezza/SEMED
de Aracruz – Orientador

Prof. Dr. Paulo de Tássio Borges da
Silva/IEAR/UFF – Co-orientador

Prof^a. Dra. Ozirlei Teresa
Marcilino/UFES

Prof. Ms. Filipe Siqueira
Fermino/UFES

Convidados especiais:

Prof^a. Me. Andrea Cristina
Almeida/SEMED de Aracruz

Prof^a. Esp. Alzenira Marques/CMEII
Caieiras Velha

ALDEIA PAU BRASIL- ARACRUZ/ES

2022

Dedico esta pesquisa à minha comunidade Aldeia Pau Brasil, ao CMEII de Caierias Velha e a todo Povo Tupinikim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Tupã (Deus), por ter me abençoado nesse desafio de estudos e muitas pesquisas.

À minha família abençoada, minha mãe, Dona Marlene, uma mãe guerreira. Meus irmãos e meu amado esposo, Romenig. Meus filhos, Thauany e Thawan, agradeço de coração pelo incentivo e apoio que me deram nessa caminhada, por muitas vezes tive que deixar meu filho pequeno e sair para estudar. Enfim, agradeço por todo apoio, família. Amo muito vocês!

Agradeço a todos os professores e professoras, a cada um que passou no PROLIND, que sempre me auxiliaram. Em especial agradeço meus professores Doutor Paulo de Tássio Borges da Silva co-orientador do meu TCC e ao professor Mestre Jocelino da Silveira Quiezza, meu orientador. Saibam que tenho um carinho muito grande por vocês, gratidão por sempre estarem dispostos a me ajudar.

Também agradeço às pessoas que me incentivaram e acreditaram que eu conseguiria chegar até o final, pois muitos falavam que a nossa Licenciatura não iria para frente, e isso também me incentivou a seguir em frente com os meus amigos. Nossa trajetória mostra que quando queremos alguma coisa, lutamos e conseguimos. Como uma música tradicional do nosso Povo Tupinikim, que diz: “Índio lutou, Índio sofreu entrou na guerra mais o índio não morreu”.

Agradeço ao Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velhas, pela oportunidade de poder trabalhar nesta escola, aos caciques que confiaram no meu trabalho, me possibilitando essas experiências maravilhosas com as crianças, momentos que nunca vou esquecer.

Agradeço aos pais, que confiaram também nesse processo da revitalização da língua indígena com seus filhos, para mim é muito gratificante chegar até o final e agradecer a Tupã por essa conquista.

Aíkugubeté Tupã (muito Obrigada Deus)!

ROSA, Janaína Pereira da. **A Língua Tupi nos processos de Ensino e Aprendizagem no Centro Municipal de Educação Infantil de Caieiras Velha.** Monografia de Graduação (Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani) – Programa de Licenciaturas Indígenas - PROLIND, Universidade Federal do Espírito Santo, Aldeia Pau Brasil- Aracruz/ES, 2022.

RESUMO

A pesquisa que apresentamos é oriunda do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A pesquisa fala sobre minhas experiências como educadora indígena nos processos de ensino e aprendizagem da língua Tupi no CMEI Caieiras Velhas, tendo o intuito de valorização e revitalização de nossa língua “ancestral” com as crianças da educação infantil. Assim, a pesquisa tem como objetivo geral: Compartilhar experiências de ensino e aprendizagem com a língua Tupi na Educação Infantil no CMEI Caieiras Velha. Ampliando as reflexões, temos como objetivos específicos: a) Contribuir com as políticas de língua na valorização do uso da língua tupi no território Tupinikim; b) Fortalecer a língua tupi no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil; c) Relatar experiências como educadora indígena no processo de ensino e aprendizagem da língua Tupi na Educação Infantil. A metodologia utilizada foi de enfoque qualitativa, com uso de memorial biográfico, bem como entrevistas com professores e pais das crianças. Com a pesquisa foi possível perceber que o sonho e essa semente plantada pelos caciques e lideranças, pelos educadores indígenas, pela pastoral indigenista, juntamente com outros parceiros e pela Secretaria Municipal de Educação, não está sendo fortalecida somente nas escolas Tupinikim, mas tem ido além, onde não se tem medido esforços na construção de espaços em que todos das comunidades possam aprender nossa língua.

Palavras-chave: Língua Tupi. Processos de Ensino e Aprendizagem. Povo Tupinikim. Educação Infantil.

ROSA, Janaina Pereira da. La lengua tupí en los procesos de enseñanza y aprendizaje en el Centro Municipal de Educación Infantil de Caieiras Velha. Monografía de Graduación (Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim y Guaraní) – Licenciatura Indígena - PROLIND, Universidad Federal de Espírito Santo, Aldeia Pau Brasil- Aracruz/ES, 2022.

RESUMEN

La investigación que presentamos proviene de la Licenciatura Indígena Intercultural Tupinikim y Guaraní de la Universidad Federal de Espírito Santo (UFES). La investigación habla de mis experiencias como educadora indígena en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la lengua tupí en el CMEII Caieiras Velhas, con el objetivo de valorizar y revitalizar nuestra lengua “ancestral” con niños de jardín de infantes. Así, la investigación tiene como objetivo general: Compartir experiencias de enseñanza y aprendizaje con la lengua tupí en la Educación Infantil del CMEII Caieiras Velha. Ampliando las reflexiones, tenemos los siguientes objetivos específicos: a) Contribuir a las políticas lingüísticas en la valorización del uso de la lengua tupí en el territorio tupinikim; b) Fortalecer la lengua tupí en el proceso de enseñanza y aprendizaje en la Educación Infantil; c) Relatar experiencias como educadora indígena en el proceso de enseñanza y aprendizaje de la lengua tupí en la Educación Infantil. La metodología utilizada fue de enfoque cualitativo, con el uso de un memorial biográfico, así como entrevistas a docentes y padres de familia de los niños. Con la investigación se pudo percibir que el sueño y esta semilla sembrada por los caciques y líderes, por los educadores indígenas, por la pastoral indígena, junto a otros socios y por la Secretaría de Educación Municipal, no se está fortaleciendo solo en las escuelas Tupinikim, pero ha ido más allá, donde no se ha escatimado esfuerzo en construir espacios donde todos en la comunidad puedan aprender nuestro idioma.

Palabras clave: Lengua Tupí. Procesos de Enseñanza y Aprendizaje. Pueblo Tupinikim. Educación Infantil.

LISTA DE SIGLAS

CMEII- CENTRO MUNICIPAL EDUCACIONAL INFANTIL INDIGENA

EMPI- ESCOLA MUNICIPAL PLURIDOCENTE INDÍGENA

PMA- PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACRUZ

USP- UNIVERSIDADE SÃO PAULO

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1	MEMORIAL DE UMA APRENDIZ/PROFESSORA DE LÍNGUA TUPI.....	12
2	BREVES APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO POVO TUPINIKIM.....	15
2.1	A CHEGADA DOS INVASORES.....	16
2.2	A INVASÃO DOS NOSSOS TERRITÓRIOS CONTINUARAM.....	18
2.3	SILENCIAMENTO, RETOMADA E REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TUPI.....	19
2.4	A REVITALIZAÇÃO NOS DIAS ATUAIS.....	20
3.	EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A LINGUA TUPI NA EDUCAÇÃO INFANTIL TUPINIKIM.....	22
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir deste trabalho falo sobre minha trajetória de vida e minhas experiências vivenciadas com educadora indígena de Língua Tupi. Escolhi o tema “**A Língua Tupi nos processos de ensino e aprendizagem no Cmei Caieiras Velha**”, pois na oportunidade de trabalhar com crianças menores de dois a cinco anos eu pude ver como a Língua Tupi é algo que eles amam, e como a participação dos pais na comunidade, bem como de toda escola, é ativa, quando se trata do aprendizado da Língua Tupi na Educação Infantil.

Nesse sentido, a partir desse tema, pensei em trazer no meu trabalho a minha trajetória de vida e minhas experiências na educação escolar indígena, principalmente no Centro Educacional Indígena Caieiras Velha. Meu trabalho na valorização da Língua Tupi com as crianças.

Assim, a pesquisa teve como objetivo geral: Compartilhar experiências de ensino e aprendizagem com a língua Tupi na Educação Infantil no CMEII Caieiras Velha. Ampliando as reflexões, temos como objetivos específicos: a) Contribuir com as políticas de língua na valorização do uso da língua tupi no território Tupinikim; b) Fortalecer a língua tupi no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil; c) Relatar experiências como educadora indígena no processo de ensino e aprendizagem da língua Tupi na Educação Infantil.

Meu caminho metodológico foi guiado a partir do enfoque qualitativo, com uso de memórias biográficas, bem como entrevistas com professores e pais das crianças do CMEII de Caieiras Velha. Nesse TCC falo dos meus trabalhos feitos no CMEII, as atividades que eram feitas para/com as crianças da Educação Infantil, a participação dos funcionários da escola e os relatos dos pais das crianças.

O trabalho está organizado a partir dessas considerações iniciais, seguido do Capítulo I, intitulado “**Memorial de uma professora/aprendiz de Língua Tupi**”, onde trago cenas da minha autobiografia, pontuando experiências na educação escolar indígena. No capítulo II, “**Breves apontamentos sobre a história e memória do Povo Tupinikim**”, abordo a parte histórica do nosso povo, aspectos da Língua Tupi na Território Tupinikim e as lutas dos nossos líderes no

processo de revitalização. No terceiro e último capítulo, “**Experiências Pedagógicas com a Língua Tupi na Educação Infantil Tupinikim**”, falo das minhas práticas de ensino e aprendizagem no CMEI Caieiras Velha, trazendo relatos dos pais das crianças, professoras e coordenadora.

1. MEMORIAL DE UMA APRENDIZ/PROFESSORA DE LÍNGUA TUPI

Meu nome é Janaína Pereira da Rosa, nasci em 21 de abril de 1986, em Vitória-ES. Meu nome na língua tupi é *Īakumã*, filha de Wilson Pedro da Rosa (*in memória*) e Marlene Pereira da Rosa, sou a terceira filha de uma família de quatro filhos, tenho 35 anos, casada, mulher guerreira das lutas. Sempre estou envolvida nos movimentos de luta do nosso povo. Tenho dois filhos, Thawan e Thauany, moro na aldeia indígena de Pau Brasil e pertencço ao povo Tupinikim, tenho formação em pedagogia e uma especialização em séries iniciais e educação infantil.

Antes de me tornar educadora indígena participei como estudante do projeto de revitalização linguística, que aconteceu entre os anos de 2002 à 2005, onde tive como professores os parentes da etnia Potiguara. Em 2006, com 19 anos, fui convidada para trabalhar na Educação Escolar Indígena como professora de língua Tupi nas escolas Tupinikim, com as turmas da Educação Infantil ao 5º ano das séries iniciais, no Município de Aracruz.

Ser professora não foi minha primeira opção, mas foi uma profissão que aprendi a amar e a valorizar. No início da minha caminhada como educadora indígena fiquei atuando somente na escola da aldeia Pau Brasil como professora de língua Tupi e dando suporte, auxiliando os alunos com dificuldades de aprendizagem. De 2010 à 2011 fui trabalhar também na aldeia de Comboios, um desafio grande por se tratar de uma aldeia bem distante, com difícil acesso e sem transporte coletivo, tendo que andar a pé e atravessar um rio para chegar na escola, de fato uma experiência que marcou a minha vida.

Em 2012, com a volta do professor de língua Tupi da comunidade de Comboios, o mesmo assumiu as aulas e fui convidada para ser professora de língua Tupi nas escolas das aldeias de Caieiras Velha e Irajá, sendo da Educação Infantil ao 5ºano das séries iniciais na Escola Municipal Pluridocente Indígena Irajá e na Educação Infantil do Centro Municipal de Ensino Infantil indígena Caieiras Velha. (CMEII Caieiras Velha). O meu desafio foi trabalhar no CMEII Caieiras Velha com crianças de apenas 2 e 3 anos, mas ao longo da caminhada, observei que, umas das coisas que as crianças aprendiam logo, eram as músicas na língua tupi, com tudo isso, mesmo eles em processo de desenvolvimento da fala, as músicas já os chamavam atenção. Percebi que

todas as vezes que eu chegava no CMEI era uma alegria, pois escutava as crianças dizendo: “a tia de TUPI chegou”. O fato é que as crianças pequenas têm mais facilidade de memorizar as palavras, principalmente as músicas.

Como professora, passei por muitas dificuldades com relação a escrita em língua Tupi, pois a última capacitação do curso de Revitalização linguística do Tupi antigo foi em 2006 e depois desta, não tivemos mais nenhuma atualização, tornando assim, muito difícil ensinar a língua indígena. Outro desafio que enfrentei foi ter que chegar no trabalho para dar aula, pois não havia transporte coletivo nos horários adequados, e sair da minha aldeia e ir para Caieiras e depois, para a aldeia do Irajá três dias da semana, atendendo as escolas nunca foi fácil.

Após várias diálogos e enfrentamentos das lideranças e educadores indígenas, juntamente a Universidade, na busca pela garantia de um curso de Formação de nível superior para os educadores indígenas, em 2015 a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) abriu um edital do Programa de Licenciatura Intercultural para formação de professores Indígenas, oportunidade esta que agarrei com o objetivo de me capacitar ainda mais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do meu trabalho.

No CMEI, gostei muito de desenvolver juntamente com os demais professores, entre os anos de 2018 à 2019, o projeto intitulado Samburá Literário, o qual traduzi como “*Kuatiara Samburá*”, onde participávamos juntamente com os alunos maiores de 4 e 5 anos da escrita de algumas palavras em tupi.

Ainda como Educadora e militante da causa indígena, principalmente no ensino de línguas, participei desenvolvendo outros projetos na minha comunidade, como o Projeto que leva o meu nome, o “*ÍAKUMÃ-tronco tupi*”, este que aconteceu no ano de 2018, tendo como objetivo principal o fortalecimento da língua tupi, projeto este desenvolvido, com jovens e adultos. Em 2020, tive a oportunidade de desenvolver o projeto TUPIABÁ, este que propõe a escrita de cartinhas dos alunos do 3º ao 5º ano da Escola Municipal Pluridocente Pau Brasil para o mundo, estas que somadas a outras muitas cartas, geraram a publicação de dois livrinhos, além da oportunidade de participar de várias lives, falando sobre minhas experiências como Educadora Indígena.

A proposta do meu trabalho de pesquisa é focar no ensino e aprendizagem das crianças na Educação Infantil no ensino da língua indígena Tupi, analisando as dificuldades, o ensino, e qual a importância dessa língua para a comunidade. Hoje, universitária da licenciatura intercultural indígena PROLIND-UFES, minha segunda licenciatura, sempre tenho como objetivo me aperfeiçoar para meu trabalho dentro da comunidade. E por meio da língua tupi, o importante é conhecer e discutir sempre a revitalização dessa língua para fortalecimento na luta pela preservação da nossa cultura indígena.

2. BREVES APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO POVO TUPINIKIM

Nós Tupinikim, atualmente vivemos no Norte do Estado do Espírito Santo, no Município de Aracruz, residindo em pelo menos 7 aldeias Tupinikim (Pau Brasil, Comboios, Areal, Caieiras Velhas, Irajá e Amarelos). Embora visibilizados pelos livros de histórias, somos reconhecidos como o primeiro povo contatado na costa brasileira no ano de 1500. Acerca desta invisibilização as historiadoras Teo e Loureiro (2010) pontuam que:

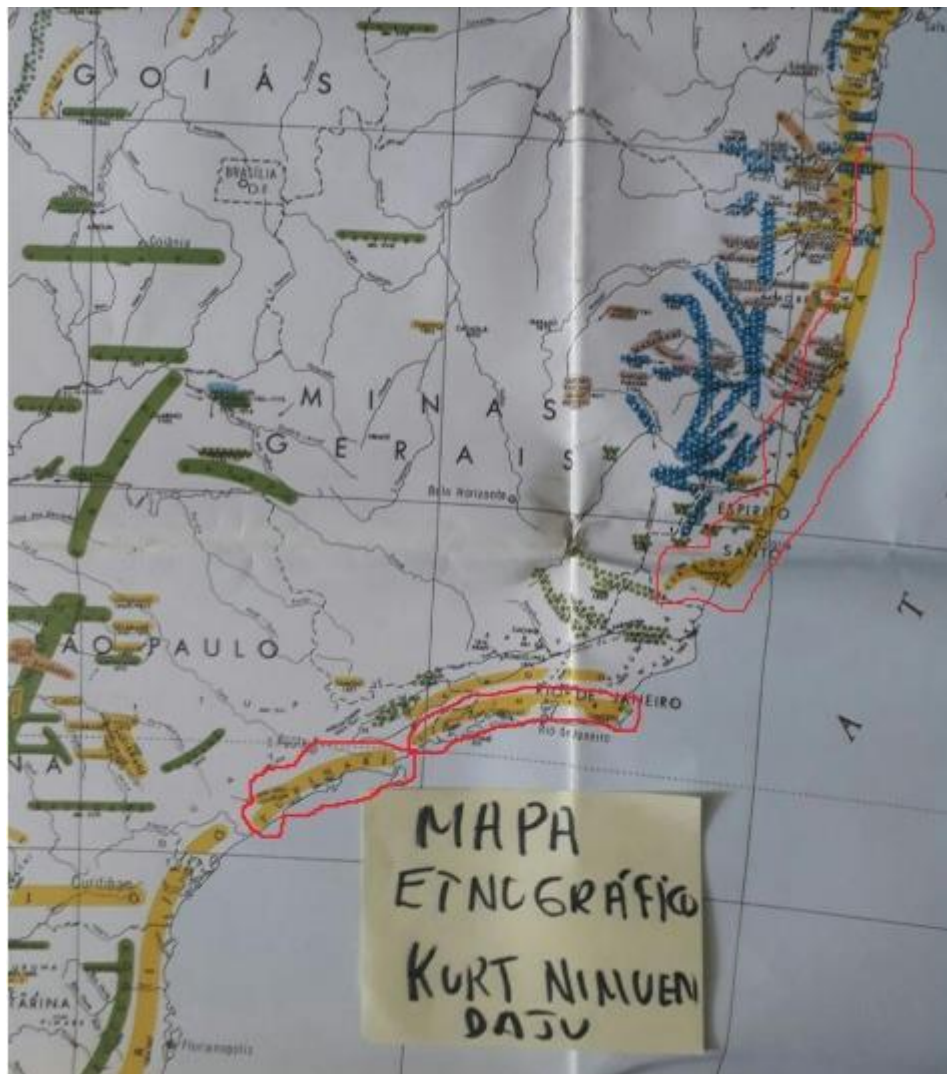
Os Tupinikim são, entre inúmeros povos indígenas, dos mais citados e paradoxalmente mais desconhecidos no Brasil. Tupinikim é sinônimo de nacional na língua corrente (antropologia Tupinikim, cinema Tupinikim etc.), mas o emprego do termo pouco ajuda a desvendar a realidade de um povo específico que luta pela sua sobrevivência. Afinal, quem são os Tupinikim? (TEAO; LOUREIRO, 2010, p. 45).

Na historiografia e na Antropologia somos classificados como:

Tupinikim (Tupiniquim. Margayá, Tuayá) constituíam-se num subgrupo Tupinambá, classificado no tronco linguístico Tupi. Habitavam estreita faixa de terra entre Camamu (Bahia) e o rio Cricaré ou São Mateus (Espírito Santos). Tinham como vizinhos meridionais os Waitaká ou Gotacaz, os Tamoios e os Temiminó. Existem ainda referências a um outro subgrupo denominado Tupinakim Tabayara, que vivia entre Mangaratiba, Angra dos Reis e Cananéia (TEAO; LOUREIRO, 2010, p. 45).

Nós Tupinikim, tínhamos um vasto território antes da chegada dos portugueses, conforme citado acima, um território que ia de Camamú no Sul da Bahia ao Cricaré - ES. Quiezza (2018) ainda vai dizer que este território vai do Sul da Bahia ao Norte do Paraná, conforme vemos no mapa de Curt Nimuendaju e nos relatos de Hans Staden.

Imagem 01 – Foto de parte do mapa de Curt Nimuendaju



Fonte: Foto de Jocelino Queizza

Dados atuais (Jornal da USP 2020) informam ainda que nosso povo Tupinikim migrou há mais de 3 mil anos, vindo da região amazônica e ao longo deste processo de caminhada, foram habitando diversas regiões do Brasil, contudo, devido todo o processo de invasão, hoje nos concentramos somente no Município de Aracruz.

2.1 A CHEGADA DOS INVASORES...

Ao estudarmos a história do Brasil, somos ensinados de forma errônea, que o Brasil foi descoberto, contudo sempre nos perguntamos, como pode um lugar ser descoberto tendo pessoas, povos já habitando? A verdade é que o Brasil foi invadido e podemos ver isso nos relatos históricos feitos por Benedito

Prézia, em seu livro *Terra à vista*, e também ao analisarmos a carta de Pero Vaz de Caminha.

Com a chegada do povo europeu, no século XVI o território indígena foi ocupado para fazendas, povoados e vilas. A partir da implantação das capitanias hereditária, os conflitos estouraram ao longo do litoral, onde estavam os núcleos dos conquistadores portugueses. Na história oficial se fala muito dos esforços da conquista em implantar os engenhos de açúcar, mas pouco das lutas de resistência indígena ao invasor.

O território foi atacado pelos canhões que cuspiam fogo a partir dos navios, matando muitos parentes. Acreditando-se vitoriosos, deixaram descoberta a retaguarda. Nem imaginavam que do interior pudesse vir centenas de guerreiros que cercaram os atacantes, provocando um pânico geral. Os sobreviventes que alcançaram os navios partiram para Espírito Santo para se refazerem e de lá retornaram à Bahia.

Desde o início da colonização, os conflitos entre os indígenas e os colonizadores se fizeram presentes. A primeira reação aos portugueses invasores foi de hostilidade. Em 1535, o donatário da capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, enfrentou os indígenas na edificação de Vila Velha (TEAO, LOUREIRO, 2010). Os parentes embrenharam-se na mata Atlântica, atacando os moradores dos núcleos coloniais surgidos em torno dos aldeamentos jesuíticos. Segundo Teao e Loureiro (2010):

A autodenominação Tupinikim, foi grafada o longo dos anos de diferentes maneiras-Topinaquis, Tupinaquis, Tupinanquins, Tupiniquins-significa, conforme o dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antenor Nascentes, com apoio de historiador varnhagem, Tupi do lado, vizinho lateral. No passado, [nós] Tupinikim falávamos a língua Tupi litorânea, da família Tupi-Guarani. Hoje falamos o português (TEAO; LOUREIRO, 2010, p. 23).

O processo de colonização foi tão devastador que, segundo Quiezza (2018), das mais de 1300 línguas faladas no território brasileiro em 1500, esta invasão conseguiu exterminar mais de 1000 (mil) línguas, e com elas seus falantes, um verdadeiro etnocídio e linguicídio generalizado. Contudo, nós Tupinikim temos ao longo dos tempos resistido e como forma de proteção para nos mantermos vivos, temos construído táticas de resistências. Com o passar dos anos, os levantes que vem acontecendo no Brasil na atualidade, como

nossas conquistas na Constituição Federal de 1988, possibilitaram a nós, povos indígenas, assumirmos nossas resistências, promovendo alto demarcação, bem como a luta por uma educação diferenciada, projetos de recuperação/revitalização linguística e saberes tradicionais, estes, usurpados ao longo de todo o processo de invasão.

2.2 A INVASÃO DOS NOSSOS TERRITÓRIOS CONTINUARAM...

Nos anos 1940, parte do território indígena foi invadido por empresas madeireiras como a COFAVI (Companhia de Ferro e AÇO), já nos anos 60, a invasão foi ainda maior com a chegada da Empresa norueguesa denominada Aracruz Celulose, nesta época, conta os nossos mais velhos, que eram pelo menos 40 aldeias, e que inclusive o ancião e capitão do congo de novo Brasil, senhor Duvegílio, em suas rodas de conversas disse que a implantação da sede da Aracruz Celulose foi exatamente onde sua família morava, esta que era a aldeia dos Macacos. Os mais velhos narram que foram tempos muitos difíceis, pois o povo foi praticamente expulso de todo o território e várias aldeias foram destruídas nesta época, e para se manter fortalecidos foram se ajuntando na aldeia de Pau Brasil, Caieiras Velha e Comboios, aldeias estas que resistiram a este processo, mas muitos dos nossos parentes acabaram se dispersando por diversas regiões e bairros do nosso município.

Como se isso tudo não bastasse, os impactos continuaram, somando hoje mais de 38 empreendimentos que impactam diretamente e indiretamente o Território Tupinikim no Município de Aracruz, podemos citar aqui alguns, como: o estaleiro Jurong, as linhas de transmissão da EDP, a implantação do aterro sanitário, as estradas estaduais e linhas férreas da Vale do Rio Doce, que cortam todo o território, sem contar com o esgoto de toda a cidade de Aracruz que é lançada dentro do o Rio Sahi, rio este que passa dentro da Aldeia de Pau Brasil, onde a comunidade usava água para os afazeres domésticos e também Rio Guaxindiba.

Vale ressaltar ainda que em novembro de 2015, houve o rompimento da Barragem de Mariana, esta que era de responsabilidade das Empresas de mineração Samarco, Vale e BHP Billitons, rompimento este que derramou sobre o Rio Doce pelo menos 50 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minérios,

impactando mais de 37 municípios nos Estado de Minas Gerais e Espírito Santo, e está sendo considerado um dos maiores impactos ambientais ocorrido no mundo no qual alcançou o nosso território, gerando vários danos, sendo eles ambientais, culturais, sociais, morais, econômicos de subsistência.

2.3 SILENCIAMENTO, RETOMADA E REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TUPI

O povo Tupinikim teve perda de sua língua falante a partir da obrigatoriedade para falar o português. Segundo Queizza (2018), os Tupinikim foram forçados a abandonar a sua língua como consequência da perseguição a que foram submetidos. O Brasil falou Tupi de 1549 até a data da proibição em 1757, com a carta de Pombal ao Brasil obrigando a todos que falassem o português.

Entendemos o quanto foi difícil nosso povo continuar com suas raízes na liberdade de ter seus crescimento dessa língua no Brasil. Hoje, sabemos que dentro do município de Aracruz, com sete aldeias Tupinikim, foi com a luta dos caciques e lideranças que veio essa construção da retomada na revitalização dessa língua dentro da comunidade, no intuito do fortalecimento da nossa cultura como povo e também da nossa identidade. Essa revitalização vem se dando a partir de músicas tradicionais, vocabulário, frases e história do nosso povo, trazendo para tradução na língua indígena Tupi.

Nossa língua Tupi está presente na toponímia, em nomes de cidades do estado do Espírito Santo, como Sauaçu, antigo nome do município de Aracruz, Ecoporanga, Apiacá, Cariacica, Marataízes, Guaçuí, Guarapari, Ibatiba, Ibitirama, Iconha, Itaguaçu, Itapemirim, Itarana, Iúna, Muqui, Iúma, Reritiba, dentre outras.

Nós Tupinikim, perdemos a liberdade de falar nossa língua. Com medo das ameaças, deixaram de ensinar às novas gerações. A partir de 2004, a língua Tupi passa a ser ensinada em todas as aldeias. A proposta do projeto de revitalização da Língua indígena teve início com a comissão de caciques Tupinikim que sentiram essa importância para nosso povo, contudo teve o envolvimento da secretária de Educação do nosso município, para esse projeto ir para frente. Através de uma parceria com a USP, professores indígenas bilingues de tupi e português, começaram a ensinar nas aldeias e com objetivo

de que esses indígenas fossem capacitados e assim dar continuidade nas salas de aulas junto às comunidades, produzirem materiais, contando a história do seu povo. Agora, em todas as escolas indígenas Tupinikim vê-se que a língua Tupi vai sendo revitalizada, fortalecendo a cultura ancestral do povo Tupinikim.

Hoje, continuamos esses processos na valorização da nossa língua e também do nosso povo. A língua Tupi não está ficando somente dentro das escolas, aos poucos vem sendo aplicada dentro da comunidade, seja nos momentos culturais, em roda de tambor, bem como nas músicas tradicionais Tupinikim.

Quando falamos em língua, falamos também da cultura e da história de um povo. Por meio da língua, podemos conhecer todo um universo cultural, ou melhor, o conjunto de respostas que um povo dá às experiências por ele vividas e aos desafios enfrentados ao longo do tempo. Vale lembrar que o desaparecimento de tantas línguas representa uma enorme perda para a humanidade, pois cada uma delas expressa todo um universo cultural, uma vasta gama de conhecimentos, uma forma única de conceber a vida e o mundo.

A luta pelo reconhecimento étnico dos Tupinikim, por sua vez, desencadeou um processo de fortalecimento cultural de suas tradições da língua, da música e da arte. Podemos citar a revitalização da língua Tupi, proibida pelos colonizadores, quem em 2004 se tornou disciplina obrigatória no currículo escolar indígena Tupinikim (desde a Educação infantil até os adultos). Os objetivos da inserção da língua Tupi no currículo escolar consistem na conservação da cultura em todas as suas nuances, como religiosidade, modo de vida, organização política e diversidade/valorização da cultura indígena (TEAO; LOUREIRO, 2010).

2.4 A REVITALIZAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

O início das aulas de língua indígena começou no ano de 2005, com quatro professores Tupinikim dando aula nas escolas indígenas. Em minha aldeia Pau Brasil o primeiro professor foi o Rafael Francisco (Arabiô), que fez o curso de Revitalização linguística, proposta e apoiada pela liderança, educadores indígenas e parceiros. Após o curso, Arabiô teve a oportunidade de

ensinar as aulas de língua Tupi da Educação Infantil no 5º ano na EMPI Pau Brasil.

Em 2006, por motivo pessoal, o professor não continuou o trabalho, foi aí que as lideranças e educadores da minha comunidade me oportunizaram ser a professora de língua Tupi na escola de minha aldeia. Para mim foi uma oportunidade riquíssima, com 19 anos de idade não tendo experiência em sala, dei continuidade a esse projeto muito importante para nosso povo.

No ano de 2010 a 2011 fui para a Aldeia Comboios, onde fiquei quase dois anos no lugar do professor Marcelo (Amatiri). No ano de 2012 fui chamada para trabalhar no Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velhas, uma experiência muito boa, que consistia em ensinar a língua Tupi para crianças de 2 a 5 anos. Na mesma época dei um suporte na Aldeia Irajá, também como professora de língua Tupi na Escola Municipal Pluridocente Indígena de Irajá, substituindo o professor da aldeia, José Augusto Tupinikim (Amasununga). Com essa caminhada vi que cada aldeia tem suas diferenças e todas que passei trabalhava a língua Tupi também com a educação infantil, sempre com o objetivo de valorizar a nossa língua indígena.

Trabalhar a língua indígena na Educação infantil foi muito maravilhoso para mim, mesmo pequenos, as crianças participavam das atividades, principalmente no momento das músicas. Era muito bom quando tinham os projetos na escola, onde eu, junto com as crianças e professoras, fazíamos trabalho de língua Tupi. Nesse processo da língua tupi na escola do CMEI Caieiras Velha via a participação dos pais quando falavam que seus filhos chegavam em casa falando palavras ou cantando as músicas em Tupi. As atividades que eu dava para as crianças eram adaptadas de forma lúdica e para as maiores identificações de palavras na folha. A minha dificuldade era falta de material para meu auxílio nas atividades, a formação com outros professores da língua, que está defasada, e produção de outros materiais. Contudo, o que me fazia avançar com as crianças eram as traduções das músicas tradicionais de tambor e cantigas conhecidas que davam para fazer a tradução delas. Penso que, se nós tivéssemos desde de 2008 pra frente retornado as capacitações da língua, teríamos avançado mais no processo da língua dentro das comunidades indígenas Tupinikim.

3. EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A LINGUA TUPI NA EDUCAÇÃO INFANTIL TUPINIKIM

Minha primeira experiência no Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velha (CMEII Caieiras Velha), foi no ano de 2012, confesso que foi um ano de muitos desafios, pois nunca tinha trabalhado com crianças de 2 e 3 anos. As minhas expectativas eram muitas, ainda mais com essa oportunidade de trabalho na Educação Infantil, principalmente, com essas crianças pequenas, onde eu pude explorar mais, trabalhando a oralidade a partir de músicas, figuras, danças e movimentos corporais. No trabalho eu sempre tinha o apoio das minhas colegas de trabalho e da pedagoga, que me ajudavam nas adaptações dos temas que as professoras estavam trabalhando, adaptando para o Tupi a ser trabalhado para cada turma.

Era interessante como as crianças já sabiam os dias que eu estava no CMEII, que eram todas às terças, o dia todo, e nas quartas, também o dia todo. Elas falavam: professora de Tupi, “Eïkobé”, isso para mim era importante, pois as crianças não estavam somente para memorizar o que estavam aprendendo, era um conhecimento que partilhavam noutros espaços, como em casa, onde eles chegavam e falavam para seus pais. Era comum a partilha de alguns pais que, quando chegavam no CMEII, vinham até a mim e falavam como eles estavam felizes por seus filhos estarem aprendendo a língua Tupi. Sobre essa questão, a mãe, Rosa Pereira pontua “Penso que [a língua Tupi] é muito boa, é importante para as crianças ter esse aprendizado. Pois nós pais também aprendemos com os alunos, nas atividades de casa”. A mãe Katiane dos Santos Marques nos fez a seguinte partilha:

Eu acredito fielmente que as crianças, principalmente os menores são excelentes multiplicadores e vejo isso dentro de nosso lar, que eles multiplicam isso, não mãe não é o milho é o *ABATI*, isso é muito bacana. A minha visão da língua Tupi acho que se eu pudesse já estava falando, sou suspeita a falar e sou apaixonada e preservo isso. Dentro de minha casa, cada dia nós buscamos mais, olhando livros, colocando etiquetas nas coisas dentro de casa para ver se conseguimos falar, aprender, e isso tudo moveu eu e Gefferson, baseado naquilo que as crianças aprenderam ali na educação infantil, a sementinha que foi plantada num resgate diferenciado, e com esse mover que está acontecendo agora, com essa vontade de querer desde pequeninhos, ali na base até os maiores, isso a gente vai

colher frutos imensos e lindos nas próximas gerações, nos meus bisnetos.

A mãe e liderança, Roberta dos Santos, também trouxe o seguinte apontamento:

A importância da língua tupi, até onde que foi colocada nas escolas, a importância dela é fundamental, uma vez que é para nosso resgate também da língua materna, a importância dela dentro das escolas igual o CMEI, que minha filha estudou com você realmente foi muito bom. É ótimo esse resgate, é ótimo ter essa língua tupi nas escolas para poder ver se começa resgatar por eles os alunos e para nós pais também aprender a falar. É muito importante sim, igual eu acho lindo ver os parentes falando sua língua materna, igual eu também sempre falei que seria bom, desde da minha época quando estudava aqui na escola indígena, se já tivesse a gente já tinha resgatado vamos dizer, uns cem por cento, porque naquele tempo nós tínhamos vontade de estudar, de aprender. Hoje é importante a língua tupi, mas os nossos filhos, os alunos mesmo, eles não dão tanta importância assim, tem pais que não acham legal, falam porque tem a língua tupi, só que a importância é muito grande, é favorável pra gente também, é o nosso resgate, da nossa língua, da nossa identidade, para a gente mostrar para o povo que muitas das vezes acham que não tem indígenas no Espírito Santo, então assim, é um resgate para todos nós, a importância da língua tupi é fundamental para nossa etnia, para nós aprendermos a língua, para as nossas crianças.

O CMEI, de um modo geral, professores (as), diretora e demais funcionários (as), também aprendiam a língua Tupi, posso dizer que o trabalho também se espalhava pela comunidade, com os (as) moradores (as) que moram perto da escola, que também já sabiam o dia da aula de Tupi. Como eu não falo baixo, meu timbre de voz é alto, os (as) moradores (as) também ouviam a aula e aprendiam principalmente as músicas. Sobre esse espraiamento do ensino da língua tupi, a pedagoga do CMEI e também mãe, Mariane Ferreira Marques Vicente, faz a seguinte reflexão:

A Língua Tupi é de suma importância para nossas crianças desde a base, então aqui, como nós trabalhamos com a educação Infantil, nós pensamos que esse ensino se torna ainda mais importante, porque é um fortalecimento da identidade, além de ser um fortalecimento é um momento que a criança passa a ter contato com sua língua materna. E quanto mais cedo esse processo acontecer, mais cedo essa criança pode se apropriar novamente dessa nossa língua materna que há muito tempo foi perdida. E por isso eu considero que é de suma importância esse primeiro contato com a criança da Educação Infantil com professor de Língua Tupi, para que ela venha de modo a se apropriar dessa língua que há muito tempo se perdeu. Os professores de língua tupi, bem como a Janaína, têm uma didática muito importante de se trabalhar com a Educação Infantil, tendo em vista que não são crianças leitoras, são crianças que, às vezes, não conseguem soltar todas as palavras de fato, então ali, através do canto, através de

pequenas palavras que são postas no dia a dia das crianças, elas conseguem aprimorar mais e mais essa linguagem. Aqui, sempre nós utilizamos outras palavras, como alimentos, por exemplo a banana (*pakobã*) que foi ensinado pela Janaína e até hoje as crianças reproduzem essa fala, então é essa construção coletiva onde os professores de Língua Tupi vêm fazendo esse trabalho no recreio, momento do parque e na hora da refeição. E isso de fato é muito importante, essas palavrinhas que elas vão se apropriando então a partir, que pede para ir no banheiro na língua tupi e também os regentes, porque é bom os regentes também ter esse contato, para as aulas não ficarem só restritas ao professor de tupi, porque quando uma criança pediu um *pakobã* (banana), eu como regente tenho que saber o significado dessa palavra no português e ofertar para aquela criança, assim o professor regente faz essa parceria para melhor aprendizagem para nossas crianças na Educação Infantil. De fato, ministrar a língua tupi na Educação Infantil é de suma importância nesse fortalecimento da identidade. O trabalho da professora Janaína na instituição da Educação Infantil, tanto numa escola nucleada, também foi um trabalho muito interessante, trabalho com muito diálogo, muito dinâmico, porque ela tem feito essa parceria com os pais, com as crianças, em alguns momentos as pessoas da nossa comunidade pedem traduções para ela, tem feito essa ajuda, ela desabrocha todo esse trabalho em sala de aula. Onde ela tem uma rotina onde é construído no contexto da criança, onde ela desenvolve através da música, através do eixo interações e brincadeiras, jogos no cotidiano na língua tupi e brincadeiras direcionadas no contexto didático aplicado pela professora, um contexto dinâmico onde leva as crianças a se apropriarem dessa língua e também a fortalecer essa identidade. Então, o trabalho que ela realiza nas escolas com as crianças envolve muitos cantos, envolve também um diálogo em pequenas frases e isso tem ocorrido na interação entre as crianças. É um trabalho prazeroso que se vê resultados, é gratificante quando você observa uma criança chegar para você em casa e falar as palavrinhas que foi a tia Janaína que ensino, que agora eu sei cantar essa música, então o trabalho dela perpassa na língua Tupi, mas também na parceria na tradução, que ela passa uma música em tupi e faz a tradução, a criança consegue intercalar o português e o tupi com essa prática desenvolvida em sala de aula. E assim pude perceber como mãe, porque três filhos meus foram alunos dela da língua tupi, então assim foi um desenvolvimento muito grande, é um professora que eles vão levar para vida e recordam tia Jana, então assim, tem crianças aqui hoje que canta ainda, lembra, eu tenho um filho que guarda o caderninho ainda, é gratificante esse vínculo não de professora, ela tem um vínculo afetivo com as crianças, mesmo estando uma vez na sala, ela conseguiu fazer esse lado amoroso, criou esse lado bacana com as crianças, então assim, eu como mãe agradeço muito a ela esse trabalho desenvolvido pelo meu filho Richard, que hoje tem 19 anos, está cursando uma faculdade, sempre lembra com carinho e também diz muitas coisas que aprendeu lá, tenho outro que também está na escola de Caieiras e também tem o conhecimento, foi tudo isso que iniciou na base com ela ali, foi a primeira professora de Tupi, e assim é muita gratidão, que ela possa voltar para o ambiente escolar.

Também encontrei muitas dificuldades por não ter materiais na língua Tupi para me ajudar nos meus planos de aula, sempre usava os livros da escola e atividades das professoras. As minhas aulas eram duas aulas por turmas do grupo II ao grupo V, as turminhas eram agitadas, mas era muito bom estar com

eles (as), algumas crianças tinham medo de mim por causa da minha voz alta, mas com o tempo foram acostumando comigo.

Já trabalhei com a Educação Infantil em outras aldeias, mas eram turmas multisseriadas de grupo IV e V, no CMEI Caieiras Velha tive outro olhar, pois cada escola é diferente, as crianças são diferentes, e com isso a cada ano que passava, outras crianças que não tinham o contato com a língua Tupi, tinham um bom desenvolvimento e participação nas aulas. Uma das coisas que ressaltou é a participação dos pais das crianças na valorização dessa língua e na defesa da nossa cultura, uma vez que tudo começa na Educação Infantil. Mas teve ano que me desmotivava, pois, alguns pais que não conhecem a importância da cultura para as crianças não apoiavam o CMEI em projetos de muita importância para o crescimento dessas crianças.

Sempre estava envolvida nos trabalhos da escola junto com a equipe nesse fortalecimento da língua Tupi, e meus suportes pedagógicos eram os dicionários na língua Tupi, do professor Eduardo Navarro, e meus materiais que ganhei na formação de professores língua Tupi. No ano de 2012 dei uma entrevista com o Portal TK1, no CMEI Caieiras Velha, na turma do grupo V, falando da revitalização dessa língua na Educação Infantil e como as crianças se desenvolviam a partir das músicas traduzidas em Tupi. Todas as crianças participaram desse momento, falando palavras em Tupi e também cantando as músicas em Tupi. Seguem abaixo alguns registros dessa entrevista dada ao Portal TK1:

Imagens 02 e 03 - Registros dessa entrevista dada ao Portal TK1



Portal TK1 Escolas indígenas de Aracruz fazem resgate da língua tupiniq... ▼



Fonte: Acervo da autora

Acredito que a língua Tupi dentro da Educação Infantil ao longo dos anos foi se desenvolvendo melhor, pois as crianças têm facilidade de aprender as músicas. Nesse trabalho, uma das minhas metodologias é a partir das músicas que as crianças já sabem e trazem de casa, traduzir para a língua indígena. Primeiro eu coloco no cartaz as letras das músicas, fixo nas paredes para as crianças irem lembrando. Na contagem das crianças falávamos os números em

Tupi, quantidade de meninos (*kunumi*) e meninas (*kunhatai*). Sobre este ponto, a mãe Katiane dos Santos Marques também coloca:

Esse resgate maravilhoso é importantíssimo, a presença de todos vocês educadores e principalmente o educador de língua Tupi. Eu fico tão feliz, a gente vê que outros educadores nessa parte estão surgindo e sou grata a essa parcela de contribuição, é muito importante as aulas de língua tupi dentro da educação infantil, porque gera dentro esse pertencimento, esse resgate da língua. Desde dali da base isso vai perpetuar na educação, no Ensino Médio, e aí elas vão sair da aldeia e depois para a faculdade. Isso vai estar enraizados dentro delas, elas vão conseguir chegar lá fora, ter propriedade de falar que são indígenas e que reconhece a língua. Quando eles são pequenos na Educação Infantil muitas pessoas falam vocês são indígenas, aí falam: sou, você sabe falar algumas coisas e aí as crianças falam o que é milho, a mandioca, algumas músicas que são cantadas, que são as sementinhas que são plantadas ali, eu acho isso muito valioso, meus filhos sempre estudaram em uma escola indígenas, tem meu filho Aruanã que hoje está no 3º ano ensino fundamental que consegue formar frases, e ainda ficou dois anos em pandemia. Aí falam: ele aprendeu agora? Não, foi lá na educação infantil, eu acho riquíssimo e valioso.

Assim, com tudo isso, junto com a escola víamos como que a língua Tupi é importante na Educação Infantil, essas crianças são todos (as) adolescentes hoje. Com o passar do ano temos percebido, professores(as) Tupinikim de língua Tupi, esse crescimento da língua quando começa a sair da escola para a comunidade, com o envolvimento dos pais e da comunidade, como bem fala a educadora indígena Andrea Cristina Almeida, que também concedeu uma entrevista para o portal TK1, sendo na época a subsecretária de Educação:

Esse resgate, a revitalização dessa língua, vem responder a uma demanda social, uma demanda cultural étnica do próprio povo e que a escola hoje pode cumprir com esse papel em parceria com a comunidade. Então, a educação nesse sentido, inserindo a língua indígena, que hoje está na Constituição Federal, vem contribuir no caso do povo Tupinikim, para o fortalecimento da identidade étnica, da identidade cultural desse povo.

Assim, meu objetivo dentro da Educação Infantil, tanto no CMEI Caieiras Velhas, como em outras aldeias que trabalhei com a educação Infantil, é fazer com que as crianças crescessem nessa valorização, nessa revitalização da

língua Tupi, a língua ancestral do nosso povo. Segue abaixo músicas trabalhadas na Educação Infantil Tupinikim:

Meu Lanchinho

Meu lanchinho	<i>xe rembi'u</i>
Meu lanchinho, meu lanchinho	<i>xe rembi'u, xe rembi'u</i>
Vou comer, vou comer	<i>t'ia karu. T'ia karu</i>
Pra ficar fortinho, pra ficar fortinho	<i>e-pytar atã, e-pytar atã</i>
E crescer, e crescer	<i>e-kyuiá, e-kyuiá</i>

Eikobé

Eikobé Tupã (olá Deus)

Tupã Eikobé, ixe aikó iké (Deus olá, eu estou aqui)

Eikobé! Olá

Nos anos de 2018 e 2019, também participei do projeto de histórias tradicionais e músicas tradicionais Samburá Literário, que tem como objetivo o fortalecimento de nossa cultura, e juntos com as turmas desenvolvíamos a língua indígena nesse projeto. O interessante é que a palavra Samburá já é na língua indígena, para nós o samburá é um objeto artesanal onde colocamos os mariscos, mas no projeto, esse nosso artefato tradicional é o portador de livros e atividades, onde as crianças levam o caderno do projeto para suas casas, e com o auxílio de seus familiares, fazem a leituras e as atividades. Esses dois anos foram marcantes para o CMEII, a partir do projeto Samburá Literário as crianças levavam as palavras, frases e músicas na língua Tupi. Com essa experiencia no CMEII Caieiras Velha pude observar como as crianças são

participativas nas aulas e que na educação infantil as crianças aprendem mesmo a partir das brincadeiras, cantando e dançando. As crianças aprendem a partir do lúdico, das músicas e na observação.

O ano de 2019 foi meu último ano trabalhando com a língua Tupi no CMEI Caieiras Velha, por motivos de saúde tive que me afastar das aulas, mas o respeito e admiração pelos amigos de trabalho e as crianças sempre mantiveram, vou lembrar disso para minha vida, e ainda de ouvir os relatos dos pais sobre meu trabalho no CMEI Caieiras Velha. Seguem abaixo algumas fotos das atividades desenvolvidas no CMEI.

Imagem 04 – Samburá literário



Fonte: Acervo CMEI de Caieiras Velha

Imagem 05 – Apresentação em Tupi no CMEI de Caieiras Velha



Fonte: Acervo do CMEII Caieiras Velha

O dia retratado na imagem acima foi muito maravilhoso, onde o CMEII apresentou o projeto Samburá Literário na noite cultural na Aldeia de Caieiras Velha, foi um momento onde o CMEII saiu do ambiente escolar e foi para a comunidade. A noite cultural é um encontro de fortalecimento da nossa identidade e cultura, as crianças ficaram felizes, nós professores (as) e todos (as) os (as) funcionários (as) e os pais têm tido muito apreço com esse projeto realizado na comunidade.

A partir desse projeto também fiz um calendário no ano 2020, onde traduzi para o Tupi com a imagem do samburá literário, meu objetivo foi trabalhar com calendário na escola e na comunidade, produzindo políticas linguísticas de revitalização na e para além da escola.

Imagem 06 – Card de divulgação da Noite Cultural com participação do CMEII de Caieiras Velha



Fonte: Acervo Jocelino Quiezza

A partir do meu trabalho na confecção dos calendários em Tupi eu inseria pedagogicamente o trabalho na Educação Infantil e nas escolas, com eles eu cantava os meses na língua Tupi para as crianças e a comunidade também aprendia, tendo acesso com os calendários. Seguem algumas fotos dos calendários dos anos 2019, 2020 e 2022:

Imagens 07, 08 e 09 – Calendários em língua Tupi dos anos 2019, 2020 e 2022.

RO'Y ÎASY - 2019

IASYPY
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYKŌI
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYMOŌAKYR
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYRUNDYK
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPŌ
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPOŌIEPE
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPOKŌI
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPOŌAKYR
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPORUNDYK
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPUA
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPUAŌIEPE
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

IASYPUAKŌI
D E T Q O O A E
1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

www.fcaibcapeauibrasill.com.br

Projeto Jakumã

Pensar
Contato: 07- 6362-410

RO'Y ÍASY - 2020

ÍASYPY

D S T Q Q S S

	1	2	3	4		
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ÍASYKÓI

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29

ÍASYMOSAPYR

D S T Q Q S S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

ÍASYRUNDYK

D S T Q Q S S

	1	2	3	4		
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

ÍASYPÓ

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ÍASYPOOÍEPÉ

D S T Q Q S S

	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

ÍASYPOKÓI

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ÍASYPOMOSAPYR

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ÍASYPORUNDYK

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ÍASYPUÁ

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ÍASYPUÁOÍEPÉ

D S T Q Q S S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

ÍASYPUÁKÓI

D S T Q Q S S

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

www.tabapaubrasil.org.br



Projeto Jakumã
Associação de Tabapá - Projeto de Tabapá
Rua São João, 133 - Tabapá - SP
CEP: 13.500-000

Projeto
Jakumã



Renascer
Contatos
27-99699-410



Fonte: Acervo da autora

Para ter esse processo de aprendizagem da língua Tupi eu sempre tinha minhas referências, que eram os dicionários do professor Dr. Eduardo Navarro, bem como algumas cartilhas que ganhei no curso da língua indígena, ao longo dos anos esse material foi meu apoio pedagógico nas atividades e tradução de palavras e músicas. O meu trabalho na Educação Infantil era mais com a oralidade, na identificação e no lúdico, com atividades a partir deles (as) mesmos

(as), e com a participação dos pais e da comunidade, as crianças se envolviam nesse processo de aprendizagem.

A valorização do Tupi para as crianças pequenas não só depende da professora de Língua Tupi, mas de todas as escolas e das comunidades indígenas Tupinikim. Uma das coisas que também fazia para essa valorização era uma camisa (*mirubana*), que meus alunos iam para escola nas aulas, e o interessante é que na camisa estava escrito: *mbo'e nhembo'e abé* (ensinar e aprender), muitos pais e até funcionários (as) compravam essa camisa, e assim, também iam aprendendo o Tupi. Abaixo eu partilho algumas atividades do meu trabalho:

Imagens 10 e 11 – Fichas de alfabetização e letramento na língua Tupi



Fonte: Acervo da autora

No Cmei Caieiras Velha a língua Tupi é exposta nas paredes com os alimentos escritos em tupi, isso para as crianças estarem de familiarizando e

memorizando ao mesmo tempo, aprendendo no seu dia a dia, os (as) funcionários (as) e os pais quando vão levar seus filhos e filhas, vão aprendendo também, observando os cartazes nas paredes da instituição. Como as crianças estão em processo de alfabetização e letramento, a escrita das palavras é feita em letra de forma, isso ajuda nessa aprendizagem e as crianças maiores do grupo IV e V ficam lendo as letras e falam as palavras. Nas imagens abaixo eu partilho alguns dos meus planejamentos no ensino da língua Tupi nos grupos III e V da Educação infantil Tupinikim.

Imagens 12 e 13 – Folhas de planejamentos

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
ARACRUZ

PERFIL DA TURMA/PGAD (PLANO GERAL DE AÇÃO DIDÁTICA)

Escola Ponto Municipal de Educação Indígena Caia Selha Grupo III
 Professora Janeira Tânia da Rosa Ano 2019

2º SEMESTRE

Quantidades de crianças:

6 Meninos 9 Meninas 2 Integrais Deficientes Entregues pelo Transporte Escolar 15 Entregues pela família

4 Iniciando na Educação Infantil

Perfil da turma:

- Considerando as preferências do grupo, quais seus principais interesses e curiosidades?
 A turma do grupo III neste semestre começou a participar nas aulas. Identifica bem as figuras, gostam muito das músicas em tupi, gostam muito de brincar com os pechinhas de barro.
- Quais conhecimentos têm necessidade de maior atenção e exploração com o grupo?
 - Continuar na exploração oral nas músicas em tupi.
 - Fazer com palavras em tupi, memorização.
- A partir dessas observações o que é preciso avançar com o grupo?
 - Explorar mais diversos materiais.
 - Oralidade nas músicas, histórias, roda de conversa.

ARACRUZ

PERFIL DA TURMA/PGAD (PLANO GERAL DA AÇÃO DIDÁTICA)

Escola: Centro Municipal de Educação Indígena Caietés Velhos Grupo: V^A
 Professora: Janeira Tereza da Rosa Turno: matutino Ano: 2019

1º SEMESTRE

Quantidades de crianças: Meninos 14 Meninas 8 Integrais Iniciando na Educação Infantil

Deficientes Apresenta Transtornos Possui Altas Habilidades Entregues pelo Transporte Escolar 4 Entregues pela Família 18

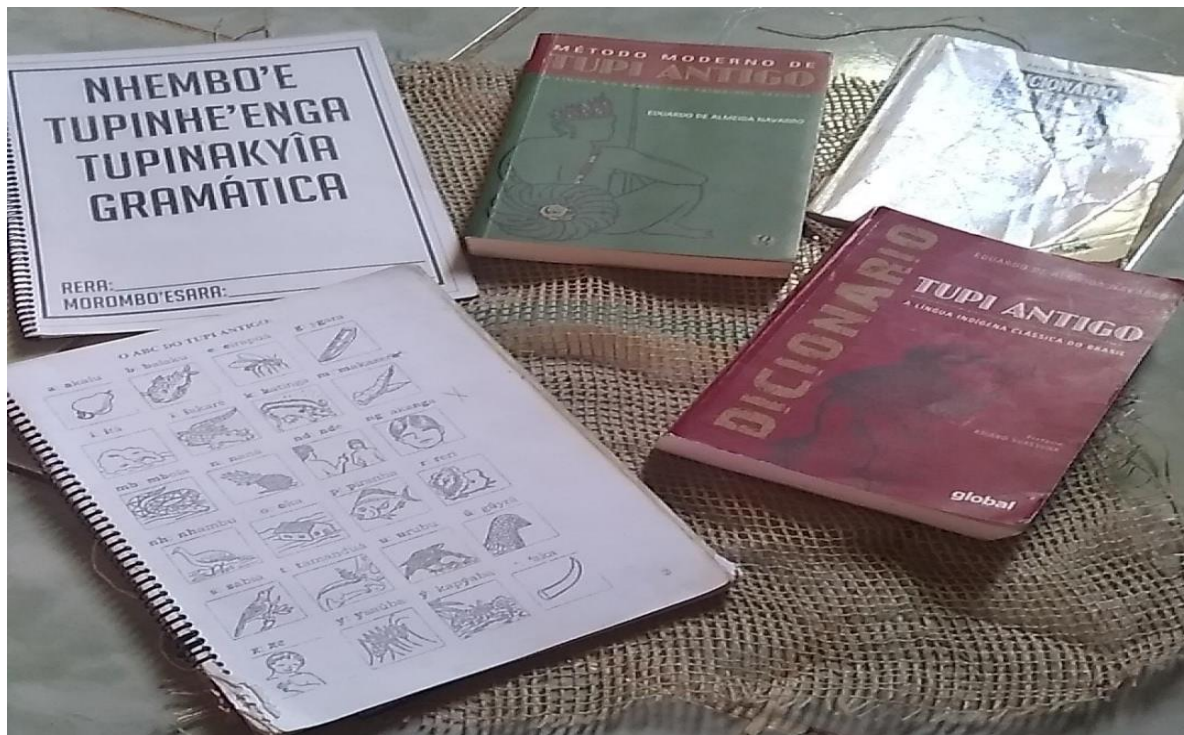
Perfil da turma:

- Considerando as preferências do grupo, quais seus principais interesses e curiosidades?
 O grupo V^A é uma turma também participativa, gostam das músicas em tupi, contação de histórias, se interagem bem com os colegas e professor! Seu interesse é pelas brincadeiras de pecinhas de encaixe, na massinha de modelar.
- Quais conhecimentos têm necessidade de maior atenção, exploração e avanço com o grupo?
 - Explorar a linguagem oral através das músicas e histórias.
 - Brincadeiras que explorem as regras na sala de aula.
 - Jogos com palavras em tupi, memorização.
 - Explorar a escrita das palavras e do seu nome.

Fonte: Acervo da autora

Meus planejamentos são de acordo com os temas que os (as) professores (as) elaboram para cada turma, esses dois anexos são os meus Plano Geral da Ação Didática (PGAD), que são feitos para cada turma que dou aula no semestre. Também tem as rotinas semanais das turmas, que me ajudam na organização das aulas. Nos planos de aula tento sempre estar trabalhando os assuntos que os (as) professores (as) regentes das turmas trabalham. Isso sempre tem dado certo, e com tudo isso os (as) professores (as) ajudam, falando as palavras em outros dias que não tem a língua Tupi.

Imagem 14 – Materiais de auxílio pedagógico no trabalho com a língua Tupi.



Fonte: Acervo da autora

Abaixo eu trago algumas atividades realizadas pelas crianças da Educação Infantil, essa primeira atividade foi realizada no dia da árvore (YBYRÁ), onde cada criança enfeitou sua árvore.

Imagem 15 – Atividade realizada por uma criança no dia da árvore

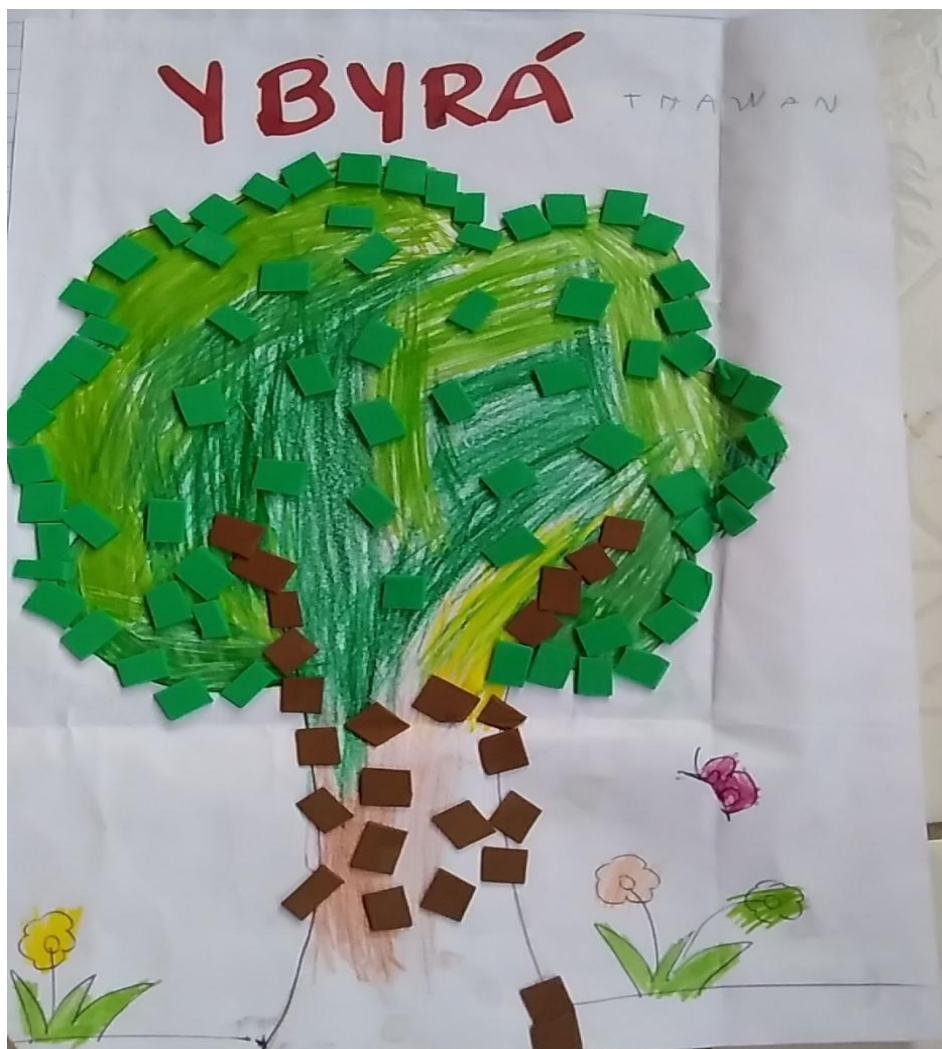
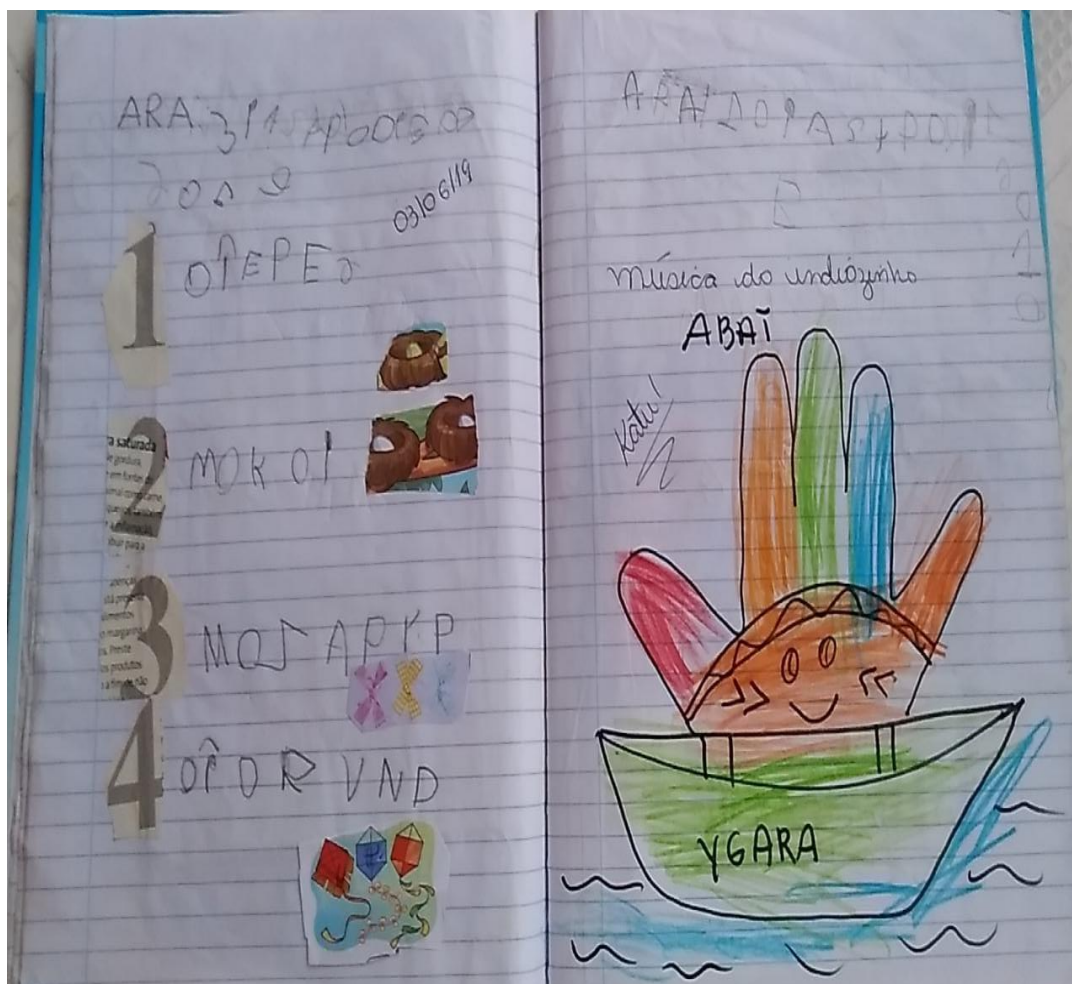


Imagem 16 – Atividade realizada por uma criança sobre os números (papasaba) em Tupi.



Fonte: Acervo da autora

Imagem 17 – Atividade realizada por uma criança sobre as frutas (ybáeta) na língua Tupi

Imagens 18, 19 e 20 - Crianças da educação Infantil



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhi trazer a minha autobiografia a partir do meu trabalho desenvolvido no Centro Educacional Indígena Caieiras Velha, a minha trajetória no processo de ensino da língua Tupi na Educação Infantil. Esse desafio de revitalização da língua Tupi se encontra em proibições de muitos anos atrás, onde nossos antepassados foram proibidos de falar nossa língua materna, que ao longo dos anos foi se perdendo. No meu trabalho na Educação Infantil pude perceber que as crianças pequenas a partir das músicas tradicionais do nosso povo Tupinikim, fazendo a tradução para língua tupi, têm uma maior facilidade de aprender nossa língua ancestral. E o interessante é que não era somente as músicas, mas também palavras e frases do cotidiano, que não ficava somente na escola, as crianças partilhavam com seus familiares e isso chegava até a comunidade.

Eu ouvia dizer das pessoas que essa língua nunca seria revivida no povo Tupinikim, contudo, foi muito importante ouvir os relatos dos pais e das crianças, falando da importância dessa língua para nosso povo, e que acreditam que a revitalização de nossa língua é um processo, e que futuramente ainda chegaremos a alcançar a nossa língua Tupi a partir das crianças na base, que é a Educação Infantil, onde vão crescer, fortalecendo a nossa cultura.

É muito gratificante ser umas das pessoas a fazer parte deste processo de revitalização não só no CMEI Caieiras Velha, mas também em outras aldeias Tupinikim. Ao realizar trazer minha autobiografia relatei minhas vivências, minhas dificuldades e minhas oportunidades dentro da Educação Escolar Indígena. Acredito que as novas gerações crescerão nesse fortalecimento da nossa língua Tupi, e poderão alcançar o objetivo de muito tempo atrás sonha pelo nosso povo. Hoje, esse sonho e essa semente plantada pelos caciques e lideranças, pelos educadores indígenas, pela pastoral indigenista, juntamente com outros parceiros e pela Secretaria Municipal de Educação, não está sendo fortalecida somente nas escolas Tupinikim, mas tem ido além, onde não temos medido esforços na construção de espaços em que todos das comunidades possam aprender nossa língua. Assim, entendo que a prática da língua indígena não só depende dos professores de Tupi, mas sim de toda escola, dos familiares dos alunos de todas comunidades Tupinikim.

O ensino, a princípio deve ser oral e através do uso das palavras básicas que envolvem a realidade do espaço onde as crianças estão inseridas, tanto na escola com em suas casas e na comunidade. É assim que o povo Tupinikim vai fortalecer a nossa língua e nossa cultura dentro das comunidades. Finalizo dizendo: O que sumiu ou está adormecido deve ser pego de volta, colocado num lugar forte, isto é resgate, isto é revitalizar (**Temimokanhema pisyka, i moingokatu amõ pytasabatã pupé t-enosema a'e**).

REFERÊNCIAS

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos**. 3ª ed. rev. e aperfeiçoada. -São Paulo, 2005.

QUIEZZA, Jocelino da Silveira. **A revitalização linguística e o fortalecimento da identidade cultural Tupinikim**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

QUIEZZA, Jocelino da Silveira. **Políticas de Línguas em área Tupinikim: o caso da aldeia Caieiras Velha**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Programa de Linguística e Línguas Indígenas (Mestrado), 2018.

TEAO, Kalna Mareto e LOUREIRO, Klitia. **História dos índios do Espírito Santo**. Vitória, ES: Ed. do autor, 2009.